

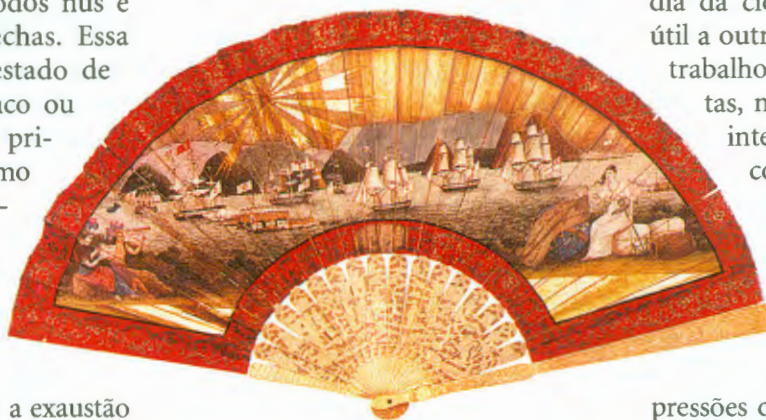
A maravilhosa terra estrangeira

Pesquisador compila relatos sobre a Baía da Guanabara antes de D. João VI

“Tudo me leva a crer que esses nativos são o povo mais bárbaro que existe sobre a Terra. No dia 10 de novembro, chegamos à Guanabara. No lugar, encontramos 500 ou 600 selvagens, todos nus e armados de arcos e flechas. Essa nação se mantém em estado de guerra contra outras cinco ou seis. Quando fazem um prisioneiro, oferecem-lhe como esposa a mais bela da tribo. Essa relação é mantida por um certo tempo. Expirado esse, os nativos fazem uma grande quantidade de vinho de milho e bebem-no até a exaustão com os amigos convidados para a cerimônia. Nessa ocasião, o prisioneiro é espancado até a morte com um porrete de madeira e, posteriormente, dividido em pedaços, que são assados na brasa e comidos com grande prazer.”

Essa descrição é apenas uma – e das mais sutis – feita pelo piloto francês Nicolas Barré em carta enviada a Paris, em 1555. Ele narra a travessia do Atlântico e as primeiras impressões sobre a terra e os hábitos na Baía da Guanabara. Barré fazia parte da comitiva de mais de 500 homens que acompanharam o cavaleiro da Ordem de Malta Nicolas Durand de Villegaignon, responsável por fazer vingar uma ambiciosa aventura francesa no Novo Mundo: fundar a França Antártica, a partir da qual os franceses conquistariam o caminho das Índias.

A empreitada de Villegaignon fracassou – Henriville, primeira cidade européia erguida no território do Estado do Rio, fundada por ele dez anos antes de os portugueses inaugurarem o Rio de Janeiro, foi destruída pelos lusitanos após quatro anos. Mas as aventuras do cavaleiro nos trópicos renderam vários relatos sobre o Brasil colonial, como o de seu companheiro Barré, que faz parte do livro *Visões do Rio de Janeiro Colonial*



Leque da Baía: encantando os europeus

– *Antologia de Textos 1531-1808* (José Olympio, 261 páginas, R\$ 25,00), do historiador Jean Marcel Carvalho França. A publicação é o primeiro volume de uma antologia de 62 textos escritos por estrangeiros que estiveram no Rio colonial. O segundo, da mesma editora, recebeu o nome de *Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial – Antologia de Textos 1582-1808* (346 páginas, R\$ 34,00).

Entre os anos de 1995 e 2000 (os dois últimos tiveram apoio de uma bolsa de pós-doutorado da FAPESP na Universidade Estadual Paulista/Assis), França vasculhou arquivos portugueses, ingleses, brasileiros e australianos para reunir os raros e dispersos relatos de viajantes que estiveram no Rio de Janeiro antes de 1808, ano em que a Corte portu- guesa

chegou à cidade e transformou-a em capital do Império.

Compilação - Sua intenção inicial era fazer uma análise da vida cotidiana do Rio. Porém, em razão da escassez de documentos – há mais relatos pós-1808 devido a incentivos da Família Real –, França decidiu fazer uma compilação do que encontrasse. Com isso, além de reunir subsídios para futuramente analisar o dia-a-dia da cidade, prestou um serviço útil a outros pesquisadores. “Foi um trabalho pensado para especialistas, mas acabou despertando o interesse do público em geral, como o sucesso dos livros demonstra”, observa o historiador.

O que se encontra nos relatos reunidos por ele é uma visão abrangente das impressões que esses estrangeiros tiveram do Rio. “A grande surpresa é a homogeneidade dessas visões”, diz o pesquisador. “Curiosamente, homens de diferentes épocas, nacionalidades e classes sociais deixaram descrições semelhantes da cidade e de seus habitantes”, diz França. “Há um pouco de tudo: batedores de carteira, como George Barrington e James Hardy Vaux; grandes navegadores, como James Cook e Oliver van Noort; aventureiros corajosos, como Antony Knivet e Richard Flecknoe; e cirurgiões da Marinha, como John White e George Hamilton, bem como muitos marinheiros profissionais.”

O Rio de Janeiro descrito por eles é bonito e agraciado com o que Deus poderia dar a uma urbe para ter cidadãos prósperos e felizes. “Esse verdadeiro paraíso terrestre, no entanto, tem uma mácula: os homens que o habitam, violentos, corruptos, vai-



Cenas da vida cotidiana do Rio de Janeiro colonial: paraíso terrestre seria maculado, diziam os visitantes, pela presença incômoda dos homens que o habitam, os brasileiros





IMAGEM DO LIVRO ICONOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO VOLUME II

O Rio de Janeiro em todo o seu esplendor natural e selvagem: descrições dos viajantes variavam pouco entre si

dosos, indolentes e, sobretudo, desregrados na sua conduta sexual – homens e mulheres”, observa França.

A maior parte das narrativas, diz ele, é do século 18 e início do 19, período em que o Rio de Janeiro tornou-se quase uma parada obrigatória para as embarcações européias que rumavam para o Cabo da Boa Esperança e para o Estreito de Magalhães. “Há relatos para atender às necessidades mais diversas dos pesquisadores, relatos nos quais podem ser encontrados detalhes sobre navegação, comércio, e também sobre inúmeros assuntos: cotidiano dos habitantes, arquitetura da cidade, etc.”, assegura o pesquisador.

Entre seus viajantes favoritos estão Barré, “pela riqueza de detalhes”, o espanhol Aguirre (1783), “que descreve demoradamente os hábitos dos cariocas”, George Staunton (1793), “um inglês culto, com senso apurado de observação”, e James Tuckey (1804), “que traça um panorama da vida local amplo e permeado por observações importantes

para o estudo da sociedade carioca anos antes de D. João VI e a corte portuguesa se instalarem na cidade”.

Confiável - As traduções dos textos, a maioria originalmente em francês e inglês (havia também outros em espanhol, um em italiano, um em alemão e outro em holandês), foram feitas pelo pesquisador. “Sempre que possível, traduzi a primeira edição da obra ou uma edição organizada pelo próprio autor, ou ainda uma edição mais recente que tenha se tornado mais confiável”, explica

França. O trabalho de tradução, segundo ele, foi facilitado pela existência de diversos dicionários, na Internet, que apresentam os termos em desuso das línguas.

A Internet, por sinal, fez com que essa pesquisa colocasse na ordem do dia um novo paradigma para a pesquisa histórica. “Cerca de 50% do material foi localizado e obtido por meio da rede”, conta o historiador. Ele encontrou relatos em arquivos de diversas partes do mundo, como da Biblioteca de Washington, da Biblioteca Nacional da França e dos arquivos de Sevilha, sem sair do Brasil. “Confesso que me tornei um ardoroso defensor das pesquisas pela Internet”, observa.

O material não pesquisado virtualmente foi encontrado em Portugal (Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca da Ajuda e Sociedade de Geografia de Lisboa) e no Brasil (Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB/USP e biblioteca particular de José Mindlin). Agora, ele pretende pesquisar as cidades de Salvador e Recife. •

O PROJETO

Visões do Rio de Janeiro Colonial

MODALIDADE

Bolsa de Pós-Doutoramento

ORIENTADOR

LUIZ ROBERTO VELLOSO CAIRO -
Unesp de Assis

PESQUISADOR

JEAN MARCEL CARVALHO FRANÇA -
Unesp de Assis